



FUTURO DO PRETÉRITO

Alysson Fabio Ferrari

Você acordaria com a luz da manhã inundando o quarto pela janela semiaberta; o suor impregnado na pele; o calor residual da noite como um cobertor indesejável; as cortinas imóveis emoldurando o despertar de um dia cheio de promessas. Os seus pais já tomariam o café da manhã e você se apressaria para não perder a carona até a escola. No caminho, colocaria a mão para fora da janela do carro, sentindo o ar passando entre os dedos, e não veria nenhuma nuvem perturbando a monotonia azulada do céu, porque mesmo se olhasse para trás, uma linha contínua de prédios residenciais ocultaria atrás de si os primeiros sinais da tempestade.

As aulas da manhã transcorreriam sem nenhum evento digno de nota, não sentasse você ao lado das janelas e não se distraísse às vezes olhando as nuvens carregadas se aproximando, uma parede opaca, cinzenta, que ia roubando aos poucos as cores do mundo. Próximo da hora do almoço, o vento começaria a balançar cortinas e a bater portas e, já na primeira aula da tarde, o professor teria que acender a luz para que todos enxergassem o quadro. A tempestade cairia como toda tempestade de verão na região metropolitana de Porto Alegre: derrubaria árvores, quebraria vidraças e destelharia casas. Você receberia uma mensagem da

sua mãe no celular dizendo, “Não consigo sair do trabalho, a rua está toda alagada, não sei a que horas vou conseguir te buscar”, e aquela não seria a primeira tarde em que você procuraria refúgio na biblioteca após as aulas.

Naquela tarde, você passearia pelos corredores da biblioteca, passando os dedos pelas lombadas dos livros e deixando os olhos saltarem de um título para outro até parar diante de um volume, um livro que não era familiar embora estivesse ali entre outros títulos familiares, como se aquele fosse o lugar dele. *Anuário Gaúcho de Astronomia*, seria o título, você retiraria o volume da estante e o levaria até um dos sofás da biblioteca, seguraria a brochura de capa azulada nas mãos e folhearia as páginas sem encontrar belas fotos de galáxias e planetas (coloridas artificialmente), mas sim tabelas de datas e posições de eventos astronômicos de anos passados, e artigos falando sobre planetas, constelações e astrônomos célebres. Você enxergaria naqueles números a regularidade do movimento dos planetas, luas, outros mundos seguindo caminhos cuidadosamente demarcados no espaço como peças de um relógio mecânico infinitamente complexo. Você leria a introdução e encontraria lá um convite, “Venha participar do Clube de Astronomia de Porto Alegre”, e quando finalmente o celular vibrasse com a esperada mensagem, “Estou indo te buscar”, a curiosidade faria o livro ser retirado para empréstimo e, dias depois, um telefonema feito, informações anotadas. Assim o convite contido naquela brochura azulada se concretizaria numa viagem até Porto Alegre.

Você sairia de casa sem prestar atenção consciente a detalhes que ficariam gravados de forma difusa na sua memória: a carrona dos pais até a estação, as palavras da mãe, “Te cuida, não vol-

ta tarde”, o olhar pretensamente despreocupado do pai, o ritmo preguiçoso do trem naquela tarde de clima ameno. Você subiria no 343 - Campus Ipiranga quase vazio, nos fundos do Mercado Municipal, e chegaria ao Planetário da UFRGS, o prédio azul e branco de formato insólito (uma tenda de circo parcialmente oculta pelas árvores) na esquina da rua Ramiro Barcelos com a avenida Ipiranga, e se encontraria com um grupo de pessoas conversando na calçada. A maior parte dos nomes e rostos você esqueceria depois de poucos anos, porque a curiosidade inicial ao folhear aquele *Anuário* não persistiria além de alguns encontros com o grupo, mas você jamais esqueceria de Otacílio (a barba irregular e esbranquiçada, óculos de lentes grossas e cabelos acinzentados), professor, assim o chamavam, embora fosse um advogado aposentado que, sempre insistiria, jamais fora professor. Otacílio lhe contaria sobre a iniciativa do *Anuário*, abandonada há anos, sobre como conseguiram os dados através de um professor do Instituto de Física da UFRGS, sobre o apoio de um projeto da universidade para imprimir e distribuir a brochura nas escolas da região, sobre como vários artigos do volume haviam sido escritos por jovens estudantes (“Como você”, destacaria), e como alguns desses jovens haviam estudado na UFRGS e se tornado engenheiros e médicos. “E tem aquele que virou professor de Física na Federal”, lembraria alguém, “Fabrício, era o nome, não?”, complementaria a senhora de cabelos avermelhados que distribuía o mate, cujo nome você jamais conseguiria se recordar.

Nos meses seguintes você se lembraria repetidas vezes da universidade federal como um lugar onde as pessoas não apenas se tornavam engenheiros, médicos ou advogados, mas também onde estudavam Astronomia, Física ou Matemática. Você diria

para si mesmo, quase brincando, “Se eu quero entender como o Universo funciona, então eu posso estudar isso na Federal”, e você teria que pensar assim várias vezes até que a ideia já não parecesse uma brincadeira. Quando chegasse a época de os cursinhos visitarem a escola para falar dos diferentes vestibulares da região, seria apenas você perguntando sobre a UFRGS na sua sala. Voltando para casa, falaria com a sua mãe sobre fazer vestibular e estudar em Porto Alegre, e ela demoraria alguns minutos para responder, concentrada no trânsito, “Mas Porto Alegre fica tão mais longe”, e você explicaria que na Federal não teriam que pagar pelo curso e que lá poderia estudar Física. “E o que você vai fazer depois de estudar Física? O que vai ser na vida?”. Você se calaria por um minuto, olhando o vaivém das pessoas na calçada, antes de dizer, “Cientista”.

Seriam dois verões de espera antes do dia em que você embarcaria no 343 - Campus Ipiranga, desta vez com uma pasta de documentos embaixo do braço para fazer a matrícula no curso de Física da UFRGS. Seria um dia de céu esbranquiçado, ruas ainda molhadas da chuvarada do dia anterior, calor, calor pesado como todo verão porto-alegrense, e você caminharia pela primeira vez entre os prédios da universidade nos quais passaria os anos mais transformadores da sua vida. Seriam anos de uma trajetória intelectual pontuada por imagens e sensações que ficariam gravadas na memória: os verões quentes e invernos chuvosos, a longa viagem pela Ipiranga e pela Bento Gonçalves, as tempestades, o mate quente passando de mão em mão na pracinha entre a Quí-

mica e a Letras, o sol passando entre os prédios, as mesas da biblioteca da Física.

No último semestre da graduação, você teria aulas com o professor Fabrício (suspensórios antiquados, camisas listradas, o cabelo raspado curtinho e a barba farta e avermelhada) e com ele começaria o mestrado, utilizando computadores para encontrar soluções das equações de Einstein em escalas galácticas. Após resolver alguns problemas mais simples indicados pelo seu orientador, você encontraria um artigo de pesquisadores da Alemanha e da Suíça, que sugeria uma nova parametrização das equações de Einstein, permitindo soluções numéricas muito mais eficientes. Ao longo das semanas de um inverno chuvoso, você transformaria as ideias desse artigo em um novo algoritmo, e resolveria novamente aqueles mesmos problemas simples em uma fração do tempo empregado inicialmente. O professor Fabrício se impressionaria com o trabalho, e recomendaria transformar o seu mestrado em um doutorado direto, incluindo uma colaboração com aquele grupo de pesquisadores estrangeiros. “Conheço pessoalmente a líder do grupo, a professora Sylvie, ela gerencia um dos maiores *clusters* de computação científica da Europa, você conseguiria fazer maravilhas com todo esse poder computacional”, diria ele. Durante o doutorado, você publicaria três artigos na *Physical Review D*, contendo soluções até então não descritas das equações de Einstein e, ao final, receberia uma bolsa da CAPES para realizar um pós-doutorado no ETH, em Zurique, sob a supervisão da professora Sylvie, professora emérita da instituição.

Seria inverno, e você caminharia pela neve acumulada no campus de Höggerberg, nervoso com o primeiro seminário que apresentaria no Departamento de Física, e antes de entrar no pré-

dio pararia, fecharia os olhos, inspirando o ar gelado. O frio traria coragem. O seminário não seria perfeito, mas após a apresentação, uma jovem estudante (Laura, cabelo loiro caindo pelas costas até quase a altura da cintura, óculos de armação redonda) perguntaria sobre os critérios de convergência usados no seu trabalho, “Porque acho que são parecidos com os que eu preciso usar para um problema de geometria molecular”. Vocês conversariam sobre as similaridades entre os métodos computacionais utilizados nas suas respectivas áreas de pesquisa tomando chá na cafeteria mais próxima, e você voltaria para o seu dormitório com alguns artigos para ler. Dois anos depois, terminada a bolsa brasileira, você conseguiria uma bolsa do governo suíço para estudar a proteína *spike* de um vírus respiratório que, suspeitava-se, poderia eventualmente infectar seres humanos e causar uma síndrome respiratória grave. Você trabalharia com a Laura e com uma equipe de pesquisadores mais experientes, implementando algoritmos numéricos mais eficientes para o *cluster* da ETH. Você ainda leria trabalhos sobre relatividade geral e tomaria café periodicamente com Sylvie, mas sua concentração estaria quase toda dedicada ao estudo computacional de proteínas. Encerrada a bolsa suíça, você voltaria ao Brasil e se estabeleceria no Rio de Janeiro, após breves passagens como postdoc na USP, em São Paulo, e na UFPE, no Recife. Décadas no futuro, como docente aposentado da UFRJ, você assumiria a direção de um recém-implantado núcleo avançado em Computação Quântica, uma iniciativa do governo brasileiro para a formação de centros de excelência na interseção entre pesquisa fundamental e tecnologia, e você já não pensaria mais em problemas relacionados com proteínas, e não teria contato com a Laura (professora aposentada precocemente, por razões de saúde, da Universidade de Heidelberg), nem com a Sylvie (faleci-

da), mas os seus trabalhos sobre a geometria molecular daquela proteína *spike* seriam fundamentais para a produção da vacina mais eficiente contra aquele vírus que ameaçava provocar a maior pandemia desde a Gripe Espanhola, de 1918. Mas você não saberia nada disso enquanto caminhava pelo campus de Höggerberg, vestindo um longo e pesado casaco numa noite de inverno, particularmente concentrado num *bug* que resistia aos seus esforços há uma semana, e olharia para o céu noturno, a lua, as estrelas, e por um instante seria transportado àquela tarde amena e agradável em que conhecera o Clube de Astronomia no Planetário, e se lembraria das tabelas astronômicas e da curiosidade por uma brochura azul encontrada casualmente na biblioteca num dia quente após a tempestade.

E assim seria, como uma história meticulosamente planejada, uma sequência de eventos colocados em curso ao acordar com a luz da manhã inundando o quarto pela janela semiaberta, o suor impregnado na pele e o calor como uma redoma maciça sobre a região metropolitana de Porto Alegre, um dia que começaria com promessas não cumpridas e terminaria após a tempestade.

E assim poderia ter sido, não fosse aquela caminhonete (preta, diesel, adesivos na traseira, 4x4 em letras grandes, vermelhas, bandeiras, bandeira do estado do Rio Grande do Sul, bandeira azul com três estrelas no canto superior esquerdo formando um triângulo equilátero), naquele cruzamento da rua Guarujá com a avenida Nações Unidas (eram 7h58min).

A caminhonete cortou a frente de um ônibus de turismo ao virar à direita para entrar na avenida sem avisar. O ônibus freou bruscamente e colidiu com a lateral da caminhonete, que girou

meia-volta, atingindo mais dois carros. A sua mãe freou brusca-mente. O motorista (ex-policia! militar, expulso da corpora!o! por envolvimento na morte de tr!s crian!as negras na Lomba do Pinheiro, seguran!a noturno em uma empresa a poucas quadras daquela esquina, bicos durante o dia em v!rios com!rcios da regi!o!) saiu da caminhonete gritando e ao ver o motorista do !nibus se aproximando (camisa branca com o logotipo da empresa na altura do peito, imaculada) e o dano na lateral da caminhonete (metal retorcido, o pneu estourado, a pintura amarelada do !nibus impregnada na carroceria como marcas das garras de um animal selvagem), se inclinou atr!vés da janela aberta da porta do passageiro e tirou do porta-luvas uma pistola (9mm, fabrica!o! nacional). O motorista do !nibus, atordado pela colis!o!, confuso pelo calor, pelos barulhos de motores ainda ligados e pelas buzinas, n!o percebeu o brilho da arma apontada em sua dire!o! e n!o identificou o grito do motorista raivoso, "Fica longe de mim seu preto filho da puta", e s!o! parou quando ouviu o som de tr!s disparos. O primeiro disparo atingiu um poste de ilumina!o! (foi o que mais pr!ximo passou do motorista de !nibus, cent!metros ! direita da sua cabe!a); o segundo estra!alhou o f!mur de uma estudante de enfermagem (22 anos, cabelo negro, encaracolado, longo e volumoso, o frescor do cheiro de bergamota se misturando ao cheiro de asfalto quente, diesel, suor e sangue). Voc!e estava de p!e, a porta do carro aberta, o corpo meio para fora, e gritava para sua m!e se afastar dali, quando foi atingido no pesco!o! pelo terceiro disparo. O proj!til rompeu sua car!tida esquerda e se alojou em seu tronco cerebral. Voc!e caiu de costas no asfalto, sem ouvir nada, e n!o teve tempo sequer de contemplar o c!u acima, o suave gradiente azul, sem nenhum sinal ainda da tempestade que se aproximava.